

A DISSOLUÇÃO DO HOMEM NAS CIÊNCIAS HUMANAS: MODELO LINGÜÍSTICO E SUJEITO SIGNIFICANTE

Empregando uma frase que teve certo sucesso na época, Michel Foucault anunciou a morte do homem.¹ Desse modo, fazia eco a Nietzsche, o homem que profetizara a morte de Deus. Que o homem seja mortal é uma verdade antiga e bem conhecida do filósofo e do homem comum. Assim, Michel Foucault, que é um dos pensadores mais vigorosos da atualidade, apenas teria emprestado o brilho de seu renome a uma banalidade, se sua afirmação não houvesse visado outra verdade de acesso menos fácil que a da experiência mais antiga e mais imediata da existência. Todavia, trata-se, agora, de uma verdade que atinge exatamente as ciências «do homem» e tende a lhe oferecer o que se deve chamar um fundamento metafísico. Fundar uma ciência consiste em fornecer-lhe os títulos de sua legítima pretensão à verdade e as condições de possibilidade de seu exercício. Se a morte do homem deve figurar entre aquelas ciências que sejam ciências do homem, teremos de admitir que haja aí matéria que sirva a um paradoxo e a um discurso que examine as condições que lhe possibilitaram a formulação. Será que a afirmação da morte do homem não exprimirá, em forma literária, a verdade do próprio processo científico? Do mesmo modo que o espaço geométrico, para se constituir, consagra «a morte» do espaço existencial e o objeto físico consagra a morte da diversidade da intuição sensível, assim também uma certa intuição global e imediata do homem, o testemunho irrecusável da consciência com relação a seus estados e representações, e a experiência vivida como totalidade significativa por um sujeito ou por um grupo devem dar lugar aos resultados de processos que só são operatórios em ruptura com esta intuição, este testemunho, esta experiência.

Assim, o homem morre nas ciências que o têm como objeto, porque o objeto dessas ciências, enquanto tal, só pode ser cons-

truído *contra* as intuições globais, as representações espontâneas, as evidências imediatas.

Todo o problema consiste então em saber: qual é este objeto? Por meio de quais operações foi ele construído? Que espécie de relações ele mantém com os fatos de observação, com os elementos de experiência, com as representações individuais e coletivas de que ele é a redução e a transformação? Será o «homem» uma idéia reguladora das ciências do homem, no sentido kantiano do termo, uma idéia que constituiria o horizonte dos processos de objetivação, uma ilusão transcendental que o próprio trabalho científico deveria dissipar, mesmo lhe reconhecendo a força inelutável? Ou ainda, será ele um pressuposto constitutivo de um «saber» contextual das ciências do homem e característico de um momento histórico determinado? Se esta interrogação atinge o problema do fundamento que suscitávamos acima, não é menos verdade que tal fundamento só pode ser colocado a partir do exame crítico da própria pesquisa científica, exame do qual ele constituirá ao mesmo tempo o fio diretor e o coroamento. Em que consiste o processo de estruturação da experiência vivida do homem? O que é um modelo como representação do dado? Quais as regras de construção de um modelo? Que tipos de relações existem entre os diferentes modelos constitutivos do objeto?

Mas, por sua vez, esse jogo de questões acha-se conjunturalmente determinado por um fato histórico que tem, sem dúvida, uma significação transcendental: no que concerne às ciências do homem, os processos de estruturação da experiência pelos modelos são dominados pelo modelo de uma ciência humana particular — a lingüística — e esta posição paradigmática acha-se de certo modo inscrita na reflexão sobre a linguagem como ciência.

Ou seja, os modelos construídos há mais ou menos um século pela lingüística vão funcionar como modelos em outro sentido: eles vão propor hipóteses, conceitos, processos operatórios às outras ciências do homem: etnologia, sociologia, psicanálise, até biologia. De que modo uma ciência determinada pode operar como modelo de objetivação de outras ciências? Não são as características da construção dos conceitos de sinal, de língua, de discurso que a implicam e, com eles, a produção teórica dos processos de comunicação e de troca? Assim justificaremos os limites de nossa presente exposição acerca da dissolução do homem nas ciências humanas: examinar a natureza e a posição do sujeito significativo na constituição do modelo estrutural da linguagem pela lingüística saussuriana.

Esta, por uma verdadeira revolução copernicana, fez-se por uma dupla ruptura: uma quanto ao método e outra quanto ao objeto. O método: a lingüística só poderia se constituir como ciên-

¹ Michel Foucault, *Les Mots et les Choses*, Gallimard, Paris 1967.

cia separando rigorosamente do diacrônico o sincrônico, do histórico o estrutural. O objeto: na massa heteróclita dos fatos de linguagem, individuais e coletivos, físicos, fisiológicos e sociológicos, um objeto homogêneo, observável, deveria ser delimitado, para constituir de vez uma totalidade sistemática. Mas o movimento pelo qual a lingüística definia seus processos metodológicos era o mesmo graças ao qual ela estruturava seu objeto. «A realidade do objeto não era separável do método adequado para defini-lo». ² Releiam-se, a propósito, as primeiras páginas do *Cours de Linguistique générale*: «a tarefa da lingüística será: a) descrever e elaborar a história de todas as línguas que puder atingir; b) buscar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas; c) delimitar e definir a si própria». ³ As duas primeiras tarefas acham-se decididamente subordinadas à terceira e esta faz uma só questão com a questão fundamental proposta por F. de Saussure. «Qual é o objeto ao mesmo tempo integral e concreto da lingüística?». ⁴ A pesquisa histórica visando «elaborar a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família» é integrada como uma parte da teoria que organiza o sistema das «leis gerais às quais pode-se reconduzir todos os fenômenos particulares da história». E esta tem por fundamento a articulação de processos e de critérios adequados à descrição do objeto lingüístico, processos e critérios que não decorrem de outras ciências, mas que lhe pertencem como próprios. E' por eles que ela delimita e define a si própria. E esta operação é uma só coisa com a constituição estrutural de seu objeto. Enquanto «outras ciências operam com objetos dados de antemão e que a seguir podem ser considerados de diferentes pontos de vista», a dualidade indissociável do método e do objeto é que faz da lingüística uma ciência e de seu objeto uma estrutura formal ou formalizável. «Por muito que o objeto preceda o ponto de vista, poder-se-ia dizer que é o ponto de vista que cria o objeto». ⁵

Assim, a revolução copernicana de Saussure consiste fundamentalmente em afirmar que a linguagem não é nem uma substância, nem um organismo em evolução, nem uma criação livre do homem, mas uma *relação* constituinte entre um *método* de conhecimento e um *objeto* a conhecer: o objeto científico é uma estruturação específica operada por um corpo de processos e de critérios metodológicos e, reciprocamente, este corpo nada mais é que a

projeção operatória complexa deste objeto. Só conhecemos da linguagem os modelos que construímos e na medida em que os construímos em uma rigorosa atividade de estruturação. «A língua é um todo em si e um princípio de classificação». ⁶ A língua é definida tanto «a parte rei» como totalidade sistemática, como «a parte intellectus» como princípio de conhecimento: ela só é totalidade sistemática porque é princípio de conhecimento e reciprocamente. Ela é modelo e conjunto operatório de modelos: é estrutura formal.

A oposição do significante e do significado, da língua e da palavra decorre, pois, desta concepção teórica absolutamente geral de que as relações preexistem às próprias coisas, e que as coisas são «efeito» ou produtos da relação dual em que elas se geram em sua existência recíproca e diferencial.

Daí, a dupla crítica a que se expõe a virada saussuriana: a primeira visa justamente o processo de autofundação ou de autodefinição da língua e da lingüística. A segunda visa inversamente as estruturas de oposição. Com efeito, se não existe realidade substancial na linguagem, se tudo na linguagem é diferença, uma vez que não existem termos positivos entre os quais elas se estabeleceriam, então é certo que as unidades de base do sistema se *autodefinem*: os traços, os caracteres, as proposições descritivas que permitem dizer o que é um sinal constituem, enquanto tais, o próprio sinal. Nada existe no sinal além da operação objetivante pela qual ele é conhecido. E definindo as unidades da língua, a lingüística se delimita e se define: seu objeto se constitui na medida mesma em que ela se constrói. «Os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico — e nós veremos a importância desta precisão — o que constitui um sinal, de modo total, é aquilo que o distingue. A diferença é que faz tanto o caráter, como o valor e a unidade». ⁷ O próprio processo da interpretação acha-se incluído, por definição, no sinal, conforme o viram, para denunciá-lo, Ogden e Richards em nome do empirismo lógico. O que para eles é círculo vicioso e, afinal de contas, sonho e imaginação ⁸ é na realidade uma operação de constituição de um imenso alcance para as ciências humanas, porque reencontra o movimento de circularidade fundadora pelo qual Hegel totaliza o sistema filosófico. Neste sentido, a lingüística saussuriana pode ter a pretensão de ser a ciência modelo das ciências humanas, porque é sua ciência fundadora no sentido de que ela nada mais é que seu objeto chegando à

² Emile Benvéniste, *Problèmes de linguistique générale*, Gallimard, Paris 1966, p. 166.

³ Ferdinand de Saussure, *Cours de Linguistique générale*, 3ª ed., Payot, Paris 1965, p. 20 (trad. portuguesa: *Curso de Lingüística Geral*, Cultrix, São Paulo, 2ª ed. 1970).

⁴ *Ibid.*, p. 23.

⁵ *Ibid.*, p. 23.

⁶ *Ibid.*, p. 25.

⁷ *Ibid.*, p. 168.

⁸ C. K. Ogden, I. A. Richards, *The Meaning of Meaning*, Londres 1960, p. 5, n. 2.

consciência sabida de si próprio. Também a noção de sistema é central em Saussure, todo objeto lingüístico só encontrando sua realidade pelo jogo das diferenças relacionais do conjunto do sistema.

Outra crítica à virada saussuriana atinge as estruturas de oposição, mas para aí reencontrar os pares reificados característicos das representações ideológicas: o modelo saussuriano da linguagem encontraria as antigas oposições do espírito e do corpo, do pensamento e da matéria e é mesmo para este sentido que se inclina um «saussurismo» vulgarizado. O pensamento substancialista em que cada um dos termos cai na independência coisista, em que a relação que os liga é exterior a eles mesmos, substitui o difícil pensamento da diferença geradora dos termos entre os quais ela se instaura. É certo que Saussure explica no *Cours* que a palavra é um ato individual de vontade e de inteligência. Definindo, por oposição, a língua como objeto social e coletivo, como código ou ligação contratual, como totalidade enfim, a palavra pode então aparecer como parte desse todo, do mesmo modo que o indivíduo é uma parte do organismo social.

Como, pois, escapar a essas dificuldades, como conceber a dupla relação que caracteriza a linguagem em todos os níveis senão como uma relação ao mesmo tempo sistemática e dialética, sistemática porque dialética, dialética porque sistemática? Tal é, parece-nos, a força excepcional do pensamento saussuriano: trazer ao saber de si mesmo a relação contraditória que é constitutiva da linguagem e descobrir nesta contradição a ciência lingüística se autofundando. Que a língua seja um puro sistema, isto significa que ela não é constituída senão de diferenças. É a totalização das diferenças que produz a positividade do sistema de valores em que consiste a instituição lingüística: positividade complexa e paradoxal, uma vez que feita só de oposições resultando, elas mesmas, das diferenças, positividade de uma forma em que jamais «se encontrará nada de simples, mas por toda a parte e sempre esse mesmo equilíbrio complexo de termos que se condicionam reciprocamente». ⁹ Dizer que a linguagem é uma totalização de diferenças, produzindo o sentido por oposição, é afirmar sua natureza dialética e simultaneamente a natureza dialética de seu conhecimento científico. A lingüística saussuriana sistemática e formal é uma lingüística dialética porque se constitui tal constituindo um objeto que o é.

⁹ Ver nesta perspectiva, Mikuš, «La Linguistique de Sapir», in *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Droz, Genebra, n. 11, 1953; N. Slusareva, «Quelques considérations des linguistes soviétiques à propos des idées de F. de Saussure», *id.*, n. 20, 1963; e F. Jameson, *The Prison-House of language, a critical account of Structuralism and Russian Formalism*, Princeton University Press, 1972, pp. 3-39.

¹⁰ F. de Saussure, *op. cit.*

Perceber-se-á isto interrogando precisamente acerca da relação da língua e da palavra no *Cours*. «Para encontrar no conjunto da linguagem a esfera que corresponde à língua, é preciso se colocar diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da palavra. Este ato supõe pelo menos dois indivíduos; é um mínimo exigível para que o circuito seja completo». ¹¹ A questão é, pois, a seguinte: onde a língua existe? Qual é a objetividade de sua existência? Mas, é de se assinalar que para responder à questão, Saussure analisa a estrutura concreta da palavra como relação entre dois locutores. Substitui a concepção substancialista da língua — este reservatório de sinais e de regras coletivas na consciência individual e da palavra como exteriorização material de alguns dos elementos deste reservatório pelo mesmo indivíduo — por uma concepção ao mesmo tempo fenomenológica e dialética do circuito de palavra no qual a palavra é um ato do emissor e a língua, um ato do receptor da mensagem, como sua compreensão e sua interpretação. A língua está portanto na palavra, como a palavra está na língua: «não há palavra possível senão graças à elaboração do produto que se chama a língua e que fornece ao indivíduo os elementos com os quais compor sua palavra». ¹² A relação entre palavra e língua é uma relação dialética e é por isso que Saussure a apreende primeiramente na relação de diálogo, na operação de troca e de comunicação. Poder de compreender a palavra, ou seja, a língua; poder de produção da língua, ou seja, a palavra, uma e outra manifestando-se concretamente nos dois pólos do circuito dialógico sem que nem uma nem outra dependam de um sujeito falante ontológico e substancial, uma vez que, alternativamente, na troca, o poder de compreender a palavra e o poder de produzir a língua pertencem de pleno direito aos locutores empenhados. Sem dúvida, Saussure é obrigado, para explicitar mais completamente, isto é, para objetivar cientificamente essa relação dialética da língua e da palavra, a sair da descrição fenomenológica da operação de troca. Mas a série das definições da língua que o *Cours* faz aparecer confirma a natureza dialética da relação teórica porque o objeto do qual esta relação fornece o conhecimento é, ele próprio, de natureza dialética: o modelo construído pelo lingüista é estruturado como um diálogo, assim como o próprio diálogo era descrito em termos de modelo.

O que nos ensina a lingüística saussuriana em sua virada copernicana é que a dialética não significa necessária e imediatamente, primeiro, história e, depois, sujeito (pessoal) ou que os significa de outro modo: dialética significa sistema sincrônico e es-

¹¹ *Ibid.*

¹² R. Godel, *Sources Manuscrites du Cours de Linguistique générale*, Droz, Genebra 1957, p. 155.

estrutura formal, sistema sincrônico na medida em que o objeto que emerge do processo dialético de objetivação científica é feito de relações que geram, cada uma em sua ordem, os termos que elas ligam. Definindo a linguagem como um valor, Saussure a define como a percepção de uma identidade, mas esta percepção da identidade (que é a do sentido) é idêntica à percepção da diferença. Quando eu *identifico* um fragmento de linguagem em seu sentido, isto significa muito exatamente que eu o *diferencio* de todo o resto da linguagem. Que a identidade seja a diferença, não é isto a definição do processo dialético? Mas é igualmente, no caso, a definição do sistema.

Por outro lado, se cada elemento da linguagem, enquanto unidade constitutiva, não é distinguível dos outros pelo que ele representa ou designa, então o sentido não será constituído pela relação extrínseca do sinal com a realidade, pelo rótulo que a palavra, por exemplo, coloca na coisa. Ele será produzido pela relação interna constituinte que essa palavra mantém com todas as outras palavras do vocabulário. Neste sentido acha-se definida a estrutura formal da linguagem: estrutura, ou seja, conjunto de relações determinadas, fundamentalmente binárias; formal, na medida em que as relações não são exteriores aos elementos que elas ligam, mas sim constituintes desses elementos.

Podemos então retornar à ruptura inicial da lingüística saussuriana para lhe propor a questão da história e a do sujeito. A revolução copernicana de Saussure foi em primeiro lugar — já o dissemos — a separação rigorosa do sincrônico e do diacrônico, do estrutural e do histórico. E isto desde a famosa *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indoeuropéennes*, que depende entretanto da lingüística histórica. Mas o mesmo processo dialético aparece aqui. Se a lingüística, para ser científica, deve ser sincrônica, ela só pode se constituir tal pela relação com o diacrônico. «O sincrônico deve ser tratado por si mesmo; mas sem a oposição perpétua ao diacrônico, chega-se a nada. Os gramáticos antigos tiveram a sorte de fazer lingüística estática e não correram o risco de confundir os dois pontos de vista. Mas a que chegaram eles?»¹³ A partir de então que prática científica corresponderá à atitude dialética teórica que vimos se esboçar em todos os níveis do conhecimento e do objeto lingüístico? Ela consistirá em tomar como fio diretor a significação. «O sentido é a condição fundamental que toda unidade de qualquer nível deve preencher, para obter o estatuto lingüístico... O sentido é uma condição indispensável da análise lingüística. E' preciso apenas ver de que modo o sentido intervém em nossas demarches e de qual nível de análise ele depende».¹⁴ Ora, o sentido, «o fato sincrônico de

¹³ *Ibid.*, p. 186.¹⁴ E. Benvéniste, *op. cit.*, p. 122.

base, é o ato de comunicação», o circuito de palavra, «a frase pela qual se suscita uma significação no auditor. Para reconhecer um fato lingüístico em uma série de sentido, é necessário um ouvinte que compreenda sua significação».¹⁵

Essas proposições da lingüística são fundamentais para o duplo problema da história e do sujeito. De que modo controlar cientificamente o problema de uma «passagem de um estado a outro sob uma forma contínua?» A história não nos faz «atingir fora de nós o próprio ser da mudança?»¹⁶ Melhor ainda, não é esta imagem da história a projeção de uma evidência do sujeito consciente, na apreensão do seu próprio ser, este ser que se experimenta simultaneamente como mesmo e como outro e, ainda aí, como próprio ser da mudança? Ora, não é esse mesmo problema que é levantado com uma evidência particular pela dialética do diacrônico e do sincrônico? Não é possível recusar o fato diacrônico: os sons e os sentidos mudam e mudam continuamente. «Nunca há caracteres permanentes, existem apenas estudos de língua que são perpetuamente a transição entre o estado da véspera e o do amanhã».¹⁷ Mas, na dialética da mudança, só há, num dado momento da história da linguagem, um único sentido: «as palavras são desprovidas de memória».¹⁸

Daí, por um desses paradoxos nos quais parecia se comprazer Saussure e que nada mais são na realidade que os paradoxos dialéticos da linguagem e de sua ciência, o sincrônico se funde «ontologicamente» na própria experiência da comunicação dos sinais e o diacrônico só é acessível ao conhecimento pela estruturação e pela comparação de estados de língua, isto é, de momentos de comunicação. A mudança contínua não é e não pode se tornar objeto de conhecimento, a não ser pela introdução da descontinuidade sincrônica, cujo lugar radical Saussure encontra na unidade dialética da comunicação. Daí, a concepção simultânea de uma história sincro-diacrônica e de um sujeito que é o espaço de uma troca onde aparece e se constitui, mediante o conhecimento, uma totalização que ele não efetua mas de cuja efetuação ele é o lugar.

Assim, a língua está ao mesmo tempo na palavra do sujeito histórico e separada dela como sistema sincrônico. Instrumento de uma prática dialética da linguagem e objeto de uma dialética teórica da ciência da linguagem, ela totaliza a capacidade do sujeito humano de produzir sentido, mas ela não é isso a não ser fora de sua prática do sujeito falante. A língua não é a teoria lingüística interiorizada na memória, consciência e vontade do indivíduo hu-

¹⁵ E. Buyssens, «La linguistique synchronique de F. de Saussure», in *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 18, 1961, pp. 29-30.¹⁶ C. Lévi-Strauss, *La Pensée Sauvage*, Plon, Paris 1962, p. 339.¹⁷ R. Godel, *op. cit.*, p. 39.¹⁸ F. Jameson, *op. cit.*, p. 6.

mano. Mas apenas a teoria lingüística pode mostrar a língua como aquilo que permite e determina rigorosamente a palavra livre do sujeito humano. Esta, em compensação, manifesta na situação vivida de comunicação, ignorando-o totalmente. «Totalização não reflexiva, a língua é uma razão humana que tem suas razões que o homem desconhece».¹⁹ Ela é esta outra totalização onde o homem encontra sua experiência apodítica do mesmo.

Dizíamos, no início, que o acontecimento histórico da constituição da lingüística como ciência tinha, sem dúvida, uma significação transcendental e que por esta razão a estruturação lingüística do objeto linguagem funcionava e devia funcionar como modelo para as outras ciências humanas. Esse projeto fundamental é nitidamente afirmado pelo próprio Saussure, mas marcado pela mesma ambivalência dialética que anima todos os conceitos e todas as operações da lingüística. Esta não é senão parte de uma ciência mais geral, a semiologia, que «nos ensinaria em que consistem os sinais, que leis os regem, e essas leis, uma vez descobertas, serão aplicáveis à lingüística que se verá assim ligada a um domínio bem definido dos fatos humanos».²⁰ Se o problema lingüístico é, de lado a lado, um problema semiológico, talvez seja necessário não apenas estudar a língua no que ela tem de comum com todos os outros sistemas semiológicos para descobrir sua verdadeira natureza, mas considerar o conjunto dos fatos e das atividades humanas como sistemas de sinais e abordar assim semiologicamente seu conhecimento científico. Se a significância é a característica das atividades e dos fatos humanos — e talvez mais generalizadamente dos seres vivos — então a semiologia é a ciência fundamental uma vez que ela se constitui modelando esses fatos e essas atividades como sistemas de sinais. «Não é a língua que se abole na sociedade. Longe disso, é a sociedade que começa a se reconhecer como língua... Essas investigações inovadoras levam a pensar que o caráter natural da língua — ser composta de sinais — poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a cultura».²¹

Mas o mesmo movimento que situa a lingüística como ciência particular da semiologia geral, examina dialeticamente esta posição. O principal objeto da semiologia será o conjunto de sistemas fundamentados no arbitrário do sinal. «Com efeito — continua Saussure — todo meio de expressão recebido em uma sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que dá no mesmo, na convenção».²² Conseqüentemente a língua, objeto da lingüística, é

o sistema semiológico por excelência, e, ao mesmo tempo, «o mais complexo e mais difundido dos sistemas de expressão, e também o mais característico de todos». Ela é o sistema semiótico interpretante geral de todos os outros sistemas semióticos. Ao mesmo tempo, a lingüística que a estuda é simultaneamente o modelo de toda semiologia, se bem que a língua seja um sistema particular e seu fundamento, devido à relação semiótica irreversível de interpretância que a liga a todos os outros sistemas. Essa relação não é uma relação de anterioridade lógica ou ontológica, mas uma relação dialética. Assim, por exemplo, a sociedade contém a língua como sistema particular em uma «relação de encaixe» onde se objetivam as dependências extrínsecas de uma e de outra. Mas, inversamente, a língua contém a sociedade na medida em que ela for ao mesmo tempo o interpretante necessário e geral de todos os outros sistemas que a constituem, na medida também em que estes não são sistemas sociais a não ser reproduzindo, de modo mais ou menos completo ou complexo, os traços e o modo de ação da estrutura modelante da «grande matriz semiótica» que é a língua.

Resta-nos perguntar, em conclusão, qual é o traço que os outros sistemas semióticos diversos da língua reproduzem. Nós o descobrimos na fundamental estrutura de dualidade em que reconhecemos a natureza dialética da lingüística estrutural e da estrutura lingüística. O que caracteriza um fato, um elemento, uma coisa, dotados de significância é que sua identidade é intrinsecamente feita de uma relação a outra. Esta articulação fundamental se reitera em todos os níveis, em todos os graus de complexidade: nada significa em si e por si. O sentido é relação: Sua «ontologia» é um sistema de reenvios nos quais ele se produz pelo que não é. Tal seria a contradição ou a falta original cuja assimilação seria constitutiva da linguagem, dos sistemas simbólicos, da estrutura de troca em geral.

Para concluir, duas observações:

1) A assimilação dos sistemas simbólicos que caracterizam os fatos e as atividades humanas na linguagem não significa identificação. C. Lévi-Strauss que é um dos que abriram e usam esse caminho o indica com grande nitidez: «O sistema de parentesco é uma linguagem, mas não é uma linguagem universal... Em presença de uma determinada cultura, cabe sempre uma questão preliminar: O sistema é sistemático?»²³ Em substância, esta questão não é absurda, prossegue Lévi-Strauss, a não ser no que concerne à língua, uma vez que esta é sistemática ou não é significativa. Mas com os outros sistemas simbólicos, organização social,

²³ C. Lévi-Strauss, *Anthropologie structurale*, Plon, Paris 1958, p. 58.

¹⁹ C. Lévi-Strauss, *op. cit.*, p. 334.

²⁰ F. de Saussure, *op. cit.*, p. 33.

²¹ E. Benvéniste, *op. cit.*, pp. 43-44.

²² F. de Saussure, *op. cit.*, pp. 100-101.

arte, «a questão deve ser levantada com um crescente rigor na medida em que seu valor significativo é parcial, fragmentário ou subjetivo». Se os sistemas simbólicos podem ser considerados pelo modelo da língua como um conjunto de operações destinadas a assegurar entre os indivíduos e os grupos um certo tipo de comunicação, sejam as mensagens constituídas por palavras (parentesco), palavras (linguagem) ou bens e serviços (economias) e com a condição de articular rigorosamente as diferenças, pode-se pretender «atingir um nível em que a passagem de um sistema a outro se tornará possível, em outras palavras, elaborar uma espécie de código universal capaz de exprimir as propriedades comuns às estruturas específicas decorrentes de cada aspecto»²⁴, código universal que estaria muito próximo de realizar o desejo saussuriano de uma semiologia geral.

2) A outra observação diz respeito ao que constitui o objeto deste estudo: a questão do homem como sujeito e intencionalidade significativa. Analisando a lingüística saussuriana como uma ciência dialética, colocando a questão do fundamento das ciências humanas como a da circularidade de um sistema interpretante aos sistemas interpretados, ou a do sentido como «transposição de um nível de linguagem para outro, de uma linguagem para uma linguagem diferente...», como possibilidade de transcodificação»²⁵, é exatamente a questão do sujeito e da intencionalidade significativa que se vê levantada. Aí ainda, é-nos necessário concebê-lo segundo o modelo da língua e da lingüística como sujeito dialético — de ciência e de palavra — como estrutura dialógica de troca, de transposição e de transformação dos sistemas simbólicos entre si, dos diversos níveis da ordem simbólica. Quando Saussure quer definir o objeto da lingüística e, com ele, delimitar e definir a própria lingüística, ele descreve o circuito de palavra entre duas pessoas, isto é, a operação de troca entre uma emissão de mensagem e uma potencialidade de compreensão. Tal é o sujeito significativo que descobrimos no modelo lingüístico na base das ciências do homem: o homem não aparece aí como o sujeito doador de sentido, mas como lugar de produção e de manifestação de sentido, um espaço de troca, de seleção e de combinações reguladas entre sistemas simbólicos, um campo de operações onde esses sistemas se limitam e se pressionam uns aos outros de modo específico, lugar, espaço, campo onde ele se produz na ilusão de sua substância autocriadora que nós leremos como o efeito de uma dialética da qual ele é o operador privilegiado.

Tradução de
Hamilton Francischetti

²⁴ *Ibid.*, p. 71.

²⁵ A. J. Greimas, *Du Sens*, Ed. du Seuil, Paris 1970, p. 13.